

## HISTÓRIAS DE VACINAS, EM JOSÉ FRANCISCO CONCESSO: REFLEXÕES SEMIÓTICAS EM TORNO DA LITERATURA NO TOCANTINS<sup>1</sup>

### VACCINE STORIES IN JOSÉ FRANCISCO CONCESSO: SEMIOTIC REFLECTIONS AROUND THE LITERATURE IN TOCANTINS

Luiza Helena Oliveira da Silva<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo analisa dois contos/crônicas de José Francisco Concesso, um dos autores mais prestigiados no contexto literário do Tocantins. Os textos em questão encontram-se no livro de memórias *Meu primeiro picolé* e o recorte que estabelecemos relaciona-se a questões em torno da literatura de testemunho relativa aos anos da ditadura civil-militar no Brasil. Embora o autor não se insira nessa classificação, seus textos ajudam a compor um panorama do estado num momento em que forças militares entram em cena e agem coercitivamente sobre a população. Estabelecemos ainda um paralelo entre o combate à febre amarela, nos anos 1960, e a pandemia atual produzida pelo Covid-19.

**Palavras-chave:** Literatura no Tocantins; Literatura do Testemunho; Guerrilha do Araguaia; Febre amarela.

#### ABSTRACT

This article analyzes two short stories/chronicles by José Francisco Concesso, one of the most prestigious authors in the literary context of Tocantins. The texts in question can be found in the memoir *Meu primeiro picolé* and the outline we have established is related to questions surrounding the testimony literature relating to the years of the civil-military dictatorship in Brazil. Although the author does not fall into this classification, his texts help to compose an overview of the state at a time when military forces enter the scene and act coercively on the population. We also established a parallel between the fight against yellow fever in the 1960s and the current pandemic produced by Covid-19.

**Keywords:** Literature in Tocantins; Testimony Literature; Araguaia Guerrilla; Yellow Fever.

#### INTRODUÇÃO

*Como toda noite funda  
É esperança de manhã  
No Araguaia raia a luta.*

*E abril?*

---

<sup>1</sup> Este texto foi produzido para o projeto *Letras: Diálogos Linguísticos e Literários em Tempos de Pandemia*, promovido pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* de Araguaína, durante a pandemia provocada pelo Covid-19 e apresentada em *live* no dia 18 de maio de 2020.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

*E abril, que nos traz então?*

Clarão.

Poesia feita por guerrilheiros do Araguaia in: Bertolino (2004)

Creemos ser importante registrar que escrevemos este trabalho durante a pandemia causada pelo coronavírus denominado Covid-19 e a seleção de crônicas de José Francisco da Silva Concesso para organizar nossa apresentação se deu pela proximidade temática. Em seu livro de memórias, *Meu primeiro picolé* (CONCESSO, 2004), o escritor fala da vacinação contra a febre amarela, no final dos anos 60, tendo como cenário Araguaína e outras cidades do então interior goiano.

Concesso nasceu na cidade mineira de Rio Espera, em 1936. No Tocantins, é reconhecido como intelectual, professor de Latim, Direito, Teologia e escritor. Foi diretor regional da Secretária Estadual da Educação e sua vinda para a região, num primeiro momento entre os anos de 1966 e 1969, se dá depois do regresso de Roma, onde se ordenou como padre. A partir de 1983, fixa-se definitivamente em Araguaína. É membro fundador da ACALANTO (Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense).

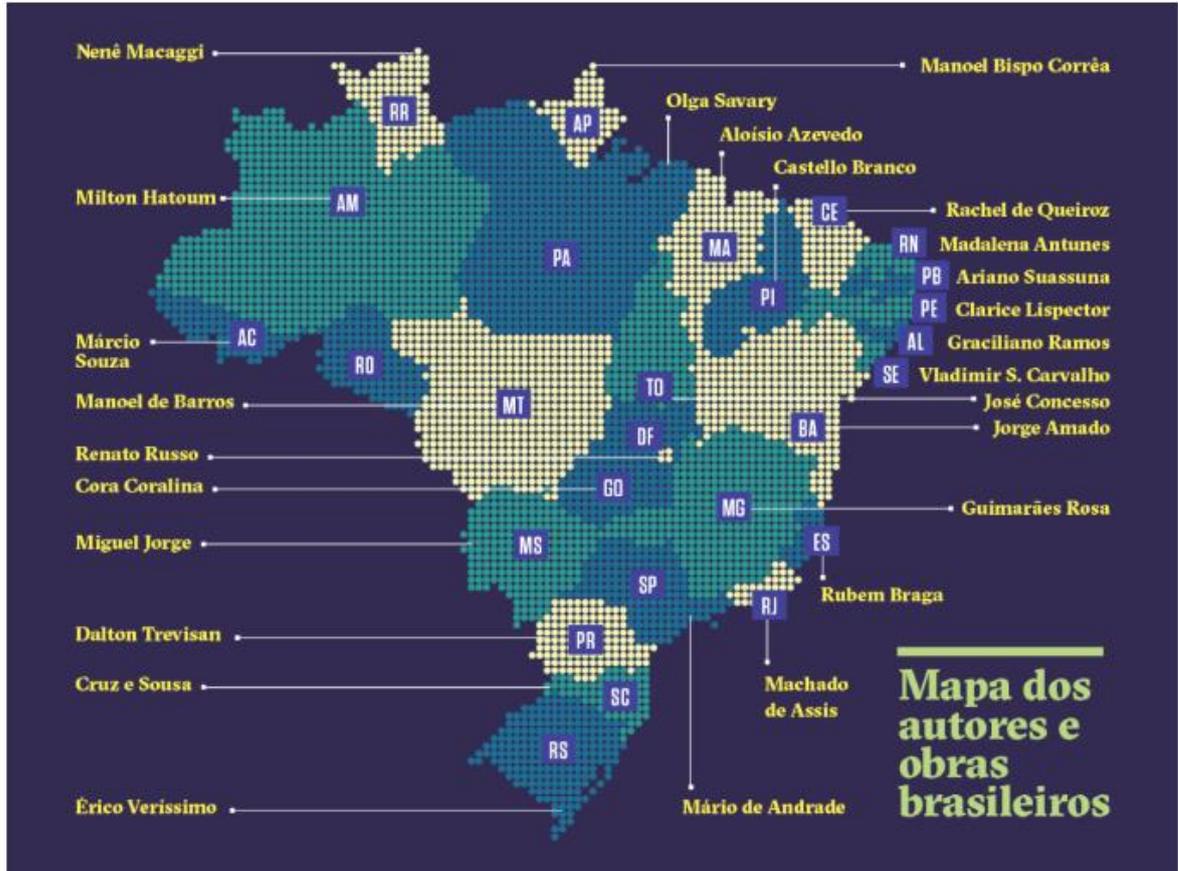
Em 2017, a revista *Super Interessante* construiu um mapa literário que sinaliza os escritores mais importantes de seus respectivos estados (Fig. 1). Nessa edição, Concesso será considerado o principal escritor do Tocantins em função da publicação de *Meu primeiro picolé*, livro que traz o título de uma de suas crônicas relativas à infância em Minas Gerais. O livro concorreu a um edital da Secretaria Estadual de Educação, fazendo hoje parte do acervo das bibliotecas escolares. Uma das características de seus textos é o humor que extrai das experiências guardadas na memória. Narra o que parece saliente em sua vivência a partir de seu aspecto curioso, imprevisto.

Os contos de Concesso em parte configuram-se como narrativas de “causos”, visando produzir efeito de um prazer que lhe é típico: o humor subtraído de um olhar que registra o imprevisto ou a novidade diante do inusitado que irrompe na vida cotidiana. Como explicar o aparecimento do homem que solicita ao padre que reze uma missa por um falecido (“O recado do ‘Bem’”) senão como a irrupção do sobrenatural? Ou a surpresa de *Dona Filó* que, estando envolvida na procura do filho, encontra-o como assaltante de um ônibus no qual ela viajava (“Água fria na fervura”)? Mas os causos envolvem ainda a saudade, a pobreza, as más condições de trabalho nas fazendas do Norte, a violência. (SILVA, 2011, p. 55)

Suas produções incluem os livros didáticos de Latim *Primeiros Passos*, *Data Vênia*, *Análise Sistemática para Estudantes de Latim*, *Cassaletos Partanos*, coletâneas de contos,

crônicas e ensaios como *Meu Primeiro Picolé*, *Andanças*, *Educação de Balaio* e *Trem de Mineiro*.

Fig. 1: Mapa de autores e obras brasileiros



Fonte: Revista Super Interessante, 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/> Acesso em 17 mai. 2020

Antecipando os relatos, sabemos pela indicação do sumário que as crônicas de Concesso que selecionamos para análise correspondem a relatos referentes aos primeiros anos em que residiu na cidade (1966 – 1969), que os textos anteriores correspondem a sua vida em Minas Gerais (1945-1954) e Itália (1961-1965), que os reunidos na seção seguinte remetem a suas experiências no interior do Rio de Janeiro (1969-1973) e, na última, que se encontram aqueles que não se organizam por uma delimitação espacial, mas apenas temporal (1985-2004).

Salientamos essa dimensão espaciotemporal, porque as pesquisas que vimos desenvolvendo dizem respeito precisamente à problemática da memória e da literatura do testemunho que corresponde aos anos da ditadura militar. Como hipótese inicial, a partir das produções que até o momento lemos, pensamos que a literatura feita por autores que residem no Tocantins e o tomam como lugar em suas narrativas de memória deixam de tematizar a

ditadura civil militar, oficialmente compreendida entre 1964 e 1985, embora seus relatos compreendam esse período. Além disso, essas produções não fazem menção qualquer à *Guerrilha do Araguaia*, embora o então norte de Goiás tenha sido palco de um dos acontecimentos mais truculentos dos anos de chumbo. As exceções a esse quadro parecem ser apenas os livros de Pedro Terra (2009; 2019), que opta por uma literatura expressamente engajada, e o livro de memórias de Ângelo Bruno, *Duas pátrias, um só coração* (2009).

Podemos compreender que esse aparente silêncio encontra razões diversas, como a da própria política de censura empreendida pelo governo Médici quanto às mortes e tortura na Guerrilha do Araguaia, nas palavras de Gorender, “escondida e abafada como vício nefando” (GORENDER, p. 240). Conforme o autor, o governo militar não deveria promover processos judiciais a fim de evitar repercussões públicas. Os guerrilheiros foram mortos em combate ou assassinados após a captura e seus corpos ainda se encontram sem paradeiro enquanto, por anos, familiares sequer tiveram notícia do envolvimento de seus filhos e irmãos no episódio. A censura, que negava a existência de presos políticos, também negava que houvesse existido uma guerrilha. Camponeses considerados aliados dos militantes do PCdoB foram também alvo de prisão, tortura, intimidação e, residindo na região, foram levados a calar-se, temerosos de nova represália. Há quem defenda que muitos se sentem ainda hoje ameaçados, optando por não relatar o que viram e sabem (SANTOS et al, 2020). Como efeito, impõe-se o apagamento e silenciamento que ainda perdura, com produções literárias sobre esse acontecimento advindas de autores de outras regiões do país.

Em função do caráter figurativo inerente ao gênero e da atenção especial que confere às paisagens e costumes, as crônicas de Concesso nos ajudam a tecer, pela perspectiva de seu olhar, o que foi Araguaína daquele período, assim como trazem elementos a respeito de outras localidades em seu entorno. Por intermédio de seus textos, confirma-se uma caracterização das cidades mais ao norte do estado e a precária ausência dos serviços públicos, enunciada por autores ao descrever a região que abrigaria militantes do PCdoB em um projeto de revolução no modelo maoísta. A adesão de camponeses à causa se daria pela compreensão de que seria possível unir forças para combater a exploração dos grileiros, a corrupção e omissão de agentes públicos, o autoritarismo do Estado.

Na novela de Pedro Corrêa Cabral, *Xambioá: guerrilha do Araguaia* (1993), há um diálogo entre os personagens, militares que se infiltraram na região para a caça aos comunistas, que dá corrobora esse quadro social:

Bem, como vocês estão vendo, o quadro geral não está lá muito favorável a nós. A cada dia a população vem ficando mais hostil ao governo, em função não apenas do trabalho de subversão, mas também pelas próprias condições da região. A pobreza, os problemas de grilagem e de propriedade de terras, a exploração dos donos de castanhas que, em alguns casos, praticam o trabalho escravo, a carência e a omissão das instituições federais, estaduais e municipais, tudo isso contribui para se chegar à situação de caos social que temos que enfrentar. Entretanto, não podemos esquecer que estamos numa guerra. Não será agora que iremos consertar os erros do passado, bancando os bonzinhos. Na área da Transamazônica, o governo já está criando núcleos rurais e providenciando o assentamento de colonos, mas é um trabalho lento e de longo prazo. Não é, pois, o caso de se pensar em operação Aciso (Ação Cívico-Social). Precisamos de resultados imediatos. Assim, o planejamento de conquista da população está baseado no uso da força e da intimidação. Não pode ser de outra maneira. (CABRAL, 1993, p. 79-80)

Cabral foi capitão-aviador e piloto de helicóptero, sendo um dos atores na repressão aos militantes do PCdoB no Araguaia. Seu livro transita entre testemunho e ficção, assumindo já na capa ser uma “novela baseada em fatos reais”.

Na fala do personagem transcrita acima, encontra-se a justificativa para a atuação mais contundente por parte das forças militares e que vai resultar que seja conferido à população tratamento que se aproxima ao rigor e truculência destinados aos denominados “guerrilheiros”, expresso ali como “uso da força e da intimidação”. Além de enumerar os problemas enfrentados principalmente pelos trabalhadores do campo (pobreza, grilagem, exploração, omissão do poder público), aponta para a inoperância de operações como a ACISO, que, como ação esporádica e pontual, incumbia-se de distribuição de alimentos, campanhas de vacinação contra a febre amarela e sífilis, emissão de documentos, levantamentos topográficos, estratégias para buscar a adesão da população pela evidência da presença estatal para além do temor pela cobrança de impostos e expulsão de posseiros (MORAIS; SILVA, 2005).

As duas crônicas de Concesso selecionadas para análise ajudam a compreender esse cenário do norte goiano nos anos mais repressivos da ditadura: *O rigor da cruviana* e *A vacina da impotência*. Ambas fazem referência a uma ação promovida pelo DNRU, Departamento Nacional de Endemias Rurais, que precedeu à FUNASA, Fundação Nacional da Saúde, órgão do Ministério da Saúde. Conforme Concesso (2004), embora a febre amarela fosse naquele momento considerada erradicada no país, ainda havia preocupação quanto às localidades situadas ao norte. As duas atestam também a resistência de segmentos sociais com relação à vacinação, tendo em vista a precariedade do acesso à saúde pública e a decorrente desconfiança da população quanto ao que viam como uma espécie de temerosa prática. Falemos, então, das crônicas.

### **Quando a esmola é grande o santo desconfia**

A primeira crônica, *A vacina da impotência*, se resume a apenas uma página (2004, p. 77). Nela, Concesso fala da vacinação contra a febre amarela, promovida pelo DNRU, em 1969. Essa ação do Ministério da Saúde é antecedida por outra, de caráter assistencialista, relativa ao *Programa Aliança para o Progresso*.

Em princípio, o Programa Aliança para o Progresso resulta de um acordo de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina, reunindo EUA e outras 22 nações americanas, entre elas o Brasil, que assinaram a *Carta de Punta Del Este*, em 1961. Com esse acordo, previa-se a elaboração de planos de desenvolvimento social e econômico para os países do continente, os quais contariam com apoio econômico dos EUA, mediante fundos da USAID (*United States Agency for International Development*). No contexto da Guerra Fria, visava também deter o avanço do ideário socialista após o sucesso da Revolução Cubana. Nesse sentido, o programa ganha relevo no período ditatorial brasileiro que se alia a projetos como a abertura de estradas e interiorização.

A teoria da modernização nasceu em um momento de febre ideológica. Ela foi, em parte, formulada para conter o apelo do marxismo-leninismo para os países do Terceiro Mundo, sedução ampliada pelas aparentes conquistas da URSS. O medo de que esta estivesse providenciando um exemplo superior de desenvolvimento animou o pensamento dos cientistas sociais e do governo dos EUA. [...] Em vez de uma ditadura do proletariado conduzindo as forças da história, os modernizadores acreditavam na democracia e no capitalismo liberal como motores do progresso. Em vez de pensar na construção do socialismo, eles acreditavam que os EUA já tinham chegado à terra prometida. (RIBEIRO, 2006, p. 384)

A narrativa de Concesso corrobora, assim, uma das ações do programa no contexto amazônico, aliado ao interesse ideológico de tornar mais perceptível nas populações a presença do Estado. Na crônica, fica expressa a precariedade da proposta de assistência, pontual e um tanto inócua para o enfrentamento da pobreza na região: “Pouco tempo antes, o Programa Aliança para o Progresso mandava dos Estados Unidos para o Brasil roupas usadas, queijos e leite em pó, entre outras coisas. A Caritas Brasileira distribuía estas coisas para as paróquias e estas para a população mais carente” (CONCESSO, 2004, p. 71). A referência à doação de roupas usadas advindas dos EUA e leite acena mais para um simulacro de caridade que propriamente um projeto efetivo de transformação socioeconômica. Atua mais no âmbito do parecer, que do ser, como uma espécie de engano.

A privação a que era submetida a gente do lugar, zona rural de Araguaína e para onde se dirigem os agentes de saúde, é expressa pela série de elementos com os quais os moradores

são apresentados a partir de uma relação de disjunção: “O pior é quando o povo não pode dispor de informações, não tendo jornal, revistas, rádio e televisão” (CONCESSO, 2004, p. 71).

O autor introduz sua crônica falando da inexistência de atendimento médico a toda essa gente – “não existe um médico no lugar” – o que a levava a valer-se de receitas e remédios caseiros, assim como a lançar mão de “superstições”, que o narrador parece ali sancionar negativamente ao empregar o substantivo “alienações”. Essa chegada repentina de leite e vacinação, porém, é vista como suspeita por parte dos moradores, que, por meio de uma rede de boatos, temem seus efeitos:

Não se sabe como nem quando, ocorreu uma informação, via rádio peão, que o leite distribuído provocava esterilidade nos homens. Como é frequente a confusão entre esterilidade e impotência no povo mais simples, ninguém mais queria receber o tal leite em pó.

Quando os funcionários do Ministério da Saúde apareceram, o medo contribuiu para a associação das duas coisas. Deste modo, os homens, com total apoio das mulheres, não queriam se submeter à vacina com medo de ficarem impotentes. (CONCESSO, 2004, p. 77)

A crônica se finaliza assim, sem que saibamos mais sobre o sucesso ou insucesso dos agentes de saúde. O que se ressalta é a associação entre leite em pó e vacinação à esterilidade e impotência. Entre a ciência ali representada pelos que combatem a febre amarela e os boatos que cercam a vacinação, a população, por via das dúvidas, vai aderir ao boato. Não há também confiança no Estado que emerge repentinamente no cenário de abandono.

Semelhante acontecimento se registra na crônica que a antecede, *O rigor da cruviana*, que aborda o tema da vacinação no mesmo período em cidades mais distantes, Arapoema e Pau D’Arco. Falamos dela adiante.

### **Em meio a uma desobriga**

A crônica se inicia com informações sobre a vacinação em Araguaína, que ocorre sem grandes dificuldades, no Ginásio Santa Cruz, para o que contam os esforços da igreja católica: “Lá ninguém tinha coragem de desobedecer ao Ir. Macário, diretor do Ginásio e conhecido pela sua autoridade. Com a campanha do vigário nas missas, o restante da população compareceu sem maiores dificuldades” (CONCESSO, 2004, p. 71).

O problema emerge quando se trata da gente do interior, porque, conforme o narrador, os “vacinadores não conseguiam atrair nem convencer as pessoas”. Diante do impasse, a saída foi fazer coincidir a vacinação com a tarefa da desobriga, mediante visitas do vigário a povoados e fazendas. Como não havia igrejas nessas localidades, a população ali residente aguardava por

muitos meses a ida esporádica dos padres para realização dos sacramentos. Concesso enumera mais adiante os resultados da desobriga em uma das localidades visitadas, Arapoema:

No dia seguinte a batalha foi dura. Depois de mais de um ano sem a visita de um padre, foram quatorze casamentos e poucos batizados sem falar das confissões. No final da missa, depois de ampla explanação sobre a utilidade da vacina e o risco da febre amarela, começamos a vacinar o pessoal. (CONCESSO, 2004, p. 73)

O texto segue tecendo o cenário que acompanha os viajantes até as cidades em um momento em que a Belém-Brasília não tinha asfalto, o que possibilita estabelecer um contraste entre os aparatos do povo da saúde e os da gente do lugar, numa comunhão que possibilitará a desejada vacinação. De um lado, estão os sujeitos “Vestidos em seus bem passados jalecos, calçados com sapatos brancos, crachá e com todo material necessário para vacinar a população” (CONCESSO, 2004, p. 71). De outro, estão as munições que tornam possível domar a força da natureza que se impõe no trajeto: facão, enxadão, machado, metros de corda, prevendo interdições da mata e os muitos atoleiros, que a caminhonete tivesse que por vezes ser puxada pelos seus ocupantes. A alimentação no percurso que durará de Araguaína a Arapoema quinze horas se vale da culinária prevista para as viagens: frito, café, água.

Com a mediação do padre, a população presente à missa aceita sem resistência a vacina. A igreja é ali poder político, mais eficaz que qualquer discurso da saúde. Ali se registra um Brasil profundo, que demanda antes a união entre facão e palavra divina, tendo a aceitação da ciência apenas pela anuência do padre.

O grupo segue até Jacu, categorizada pelo narrador como “currutela na beira do Araguaia” (2004, p. 73), em viagem tornada possível apenas pelo uso de automóvel mais adequado à estrada, um jipe emprestado pela prefeitura. De lá, seguirão de canoa pelo rio Araguaia até o destino, Pau D’arco, sob intenso calor, acompanhados da paisagem exuberante de floresta fechada, com apenas duas casas ao longo do trajeto. Pau D’Arco não tem eletricidade e a hospedaria em que pernoitam tem sua curiosidade ressaltada pelo narrador: “Ficamos numa pensão cujo dono era, ao mesmo tempo, o que cuidava do Cabaré e da igreja quando o padre aparecia por lá” (2004, p. 74). Sagrado e profano não se distanciam, numa interessante comunhão de cuidados.

Lá serão também bem sucedidos na empreitada e a cruviana anunciada pelo título só será objeto de atenção no penúltimo parágrafo. Ao retornarem para um barco a motor que os levaria de volta a Jacu, encontram um piloto reticente da tarefa e que simula um defeito no meio da noite, obrigando os passageiros a pernoitarem às margens do rio sob intenso frio:

Por volta das duas horas da madrugada, o frio distribuído por um forte vento tornava a situação insuportável. A única saída foi fazer buracos na areia e tampar os pés que, aquecidos pela areia, aqueciam todo o corpo. Comentando no dia seguinte o porquê daquele frio, nos explicaram que aquele vento frio, sempre às duas horas da madrugada, nos dias de verão, era a famosa *Cruviana*. (2004, p. 76)

As razões do problema do barco são, ao final, esclarecidas. O piloto e colegas tinham compromissos com prostitutas de Pau D'Arco.

Concesso narra todas as peripécias vividas pelo grupo para ressaltar, por fim, uma das especificidades do verão no Norte, com o frio das madrugadas, sobretudo mais intenso às margens dos rios. A cruviana anunciada no título diz respeito a uma divindade para alguns povos indígenas no norte do Brasil.

No *Dicionário Informal, online*, encontramos o verbete que relaciona o substantivo a uma linda deusa do vento se transforma em brisa para a sedução de forasteiros durante o sono. Ao acordarem, estes se encontram encantados e apaixonados pela terra e, por essa razão, nunca mais vão embora. Incorporada pela gente do Norte, a palavra se tornaria sinônimo de vento frio. (Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/cruviana/28410/>. Acesso em 18 mai. 2020). Na narrativa, Concesso emprega a substantivo com letra maiúscula, ressaltando o caráter da divindade nativa. Tinham encontrado, afinal, a deusa das madrugadas frias, contraponto inesperado ao calor intenso do mês de julho.

Antes desse final, porém, o narrador traz da memória um fato que aparece como que em segundo plano, como fundo, na narrativa da viagem ao povoado de Pau D'Arco. Trata-se da vacinação de peões de uma fazenda, trabalhadores que “tinham cara de gente sofrida e bastante desconfiada” (2004, p. 75). É essa cena de fundo que nos interessa pelo que há ali de denúncia, embora não pareça figurar da proposta do texto esse teor.

Na conversa com um carpinteiro que não estava a serviço da fazenda, o narrador fica a par das condições de trabalho:

Dizia ele que para chegar até à fazenda só havia duas alternativas: ou pelo rio ou de avião. De avião, só o do patrão. Pelo rio, ninguém sabia despercebido. Se alguém se arriscasse entrar pela mata, certamente se perderia ou fatalmente seria comido por alguma onça. No caso que algum peão desse trabalho, ele era convidado a ir até o barranco do rio e, com um ligeiro tapinha nas costas era precipitado no rio. Assim se livravam das pessoas que incomodavam. Quando nos mostrava a coleção de armas penduradas na parede da sede da fazenda, fez questão de acrescentar: não pensem que estas armas são só para serem expostas: elas funcionam de verdade de vez em quando. A vacinação correu tranquila. (2004, p. 75-76)

Concesso conclui o parágrafo elipticamente, sem comentários que explicitassem sua compreensão a respeito do que acabara de ouvir. A frase final traz, contudo, como efeito, a compreensão sobre a figurativização dos peões no início do parágrafo, apresentados como “gente sofrida e bastante desconfiada”. A tranquilidade da vacinação ali parece efeito de uma intimidação já incorporada pelos sujeitos como prática manipulatória. Não há como escapar ao que é sentido como ordem por parte daquele que assume o papel actancial de um supremo destinador capaz de uma sanção fatal. As relações de trabalho se fazem sob um contrato que prevê o uso da força, com sujeitos colocados como espécie de prisioneiros, ameaçados de morte em caso de resistência – “caso algum peão desse trabalho [...] era precipitado no rio”.

As armas expostas na parede serviriam também de presença do discurso da força, lembrando que estavam ali não apenas por seu caráter decorativo. Eram efetivos objetos a guardar os interesses do proprietário.

Mais do que a contar com a persuasão dos agentes de saúde ou a adesão pela confiança na liderança religiosa dadas pelas modalizações do saber e do crer, o que se denuncia é então a modalização pelo dever, definindo até onde pode a performance e o querer dos sujeitos colocados em uma espécie de escravidão.

### **Considerações finais**

A produção de escritores como Concesso é extremamente valiosa para quem se interessa pela história da formação do Tocantins, pela compreensão sobre as forças que entraram em ação e dão hoje a conformação desse estado. Não há o tom de engajamento que vemos na literatura do testemunho de Pedro Terra e o que há em seus textos de denúncia se faz como fundo, não como figura. Elege o pitoresco, o curioso, o tema do caso que move o bom cronista, mas vai deixando pistas da complexidade das forças que movem ainda a sociedade e o poder no estado.

Trazendo histórias de um dado momento da ditadura, confirma sobre ações pontuais do governo que precisava garantir o sucesso de um projeto desenvolvimentista que avançava pela região Norte, onde o poder de grileiros se sobrepunha ao do Estado, instaurando o governo dos grandes coronéis, dos grandes latifúndios que empregavam sob condições precárias a gente assustada e coagida. Era preciso prevenir-se contra adesões da população a uma revolução que pusesse abaixo o Estado autoritário, que abandonava as gentes à própria sorte.

Nesse contexto de dominação, abandono, exclusão e pobreza, uma vacina pode ser vista como a palavra final de um governo que desdenha de seu povo. O que temer mais? A febre amarela ou o risco da impotência?

Emerge ali um Brasil que seria domado pela força de um projeto desenvolvimentista de matriz autoritária, devidamente acompanhado pelos interesses dos EUA. Uma parte da igreja é mobilizada como adjuvante, porque é necessário valer-se da autoridade da fé, já que a ciência não pode ser compreendida. Era necessário determinação para domar a floresta, facão como arma e instrumento de trabalho, intimidação quando falhasse a persuasão, prisão e tortura quando se esgotassem os outros processos.

Hoje enfrentamos ainda a febre amarela, que ressurgiu num momento caótico da história do país. Mais grave, contudo, é a pandemia causada pelo Covid-19, que se alastra e faz milhares de vítimas em todo o território nacional como resultado de equívocos do poder público, do desdém pelo número de doentes e mortos, porque a doença que inicialmente acometeu a elite agora se dirige aos mais pobres, servindo bem aos propósitos eugenistas assumidos como legítimos pelo discurso do Executivo.

Depois de intensa campanha difamatória contra pesquisadores e universidades, reiterando mentiras mediante meteóricas *fake news* em processo criminoso até o momento impune, a população se divide na escuta de discursos polifônicos, com contradição de vozes que ora acenam para a cura milagrosa por um medicamento não recomendado por cientistas, ora para chás, ora para rezas. No namoro entre Estado e Igreja, Araguaína leva um religioso para benzer do alto de um helicóptero a cidade que decide abrir-se ao comércio e descumprir a orientação do confinamento. Os resultados da imprudência se mostram ferozes.

Em 1969, sob o AI-5, ao menos o Estado agia com mais respeito ao povo no combate a epidemias, ao menos para preservar vivo o corpo que trabalha.

Sem poder confiar na palavra dos políticos, atordoados por *fake news* que fragilizam as certezas do certo e do errado, num caldeirão de desencontros de conhecimentos, condenados os cientistas, a Organização Mundial da Saúde, as universidades públicas, os pesquisadores, entre autogolpe e *impeachment*, há que desconfiar da cloroquina, recusada por dois ex-Ministros da Saúde do mesmo governo. Se fosse dito que causa impotência em vez de ataques do coração, haveria maior resistência? Quiçá uma revolução?

## REFERÊNCIAS

BERTOLINO, O. **Maurício Grabois – uma vida de combates**: da batalha de ideias ao comando da guerrilha do Araguaia. São Paulo: Anita Garibaldi, Instituto Maurício Grabois, 2004.

BRUNO, A. **Duas pátrias, um só coração**. Goiânia: Kelps, 2009.

CABRAL, P. C. **Xambioá**: guerrilha do Araguaia. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARBONARI, P. **Mapa literário**: o escritor mais importante de cada estado. Revista Superinteressante, 22 mai. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/>. Acesso em 17 mai. 2020.

CONCESSO, J. F. S. **Meu primeiro picolé**: crônicas, contos e ensaios. Gurupi, TO: Edições AGL, 2004.

MORAIS, T.; SILVA, E. **Operação Araguaia**: os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

RIBEIRO, R. A. **A Aliança para o Progresso e as relações entre Brasil-EUA**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 384p. 2006.

SANTOS, J. S.; LUIZ, J. M.; SILVA, L. H. O.; FIGUEIREDO, C. A. S. Crônicas do Araguaia: entrevista com o escritor e pesquisador Janailson Macêdo. **Revista EntreLetras (Araguaína)**, v. 11, n. 1, p. 440-451, 2020.

SILVA, L. H. O. O passado que se faz presença: uma leitura de meu primeiro picolé, de José Francisco da Silva Concesso. **Revista EntreLetras (Araguaína)**, v. 1, p. 49-58, 2011.

TIERRA, P. **Poemas do povo da noite**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Publisher, 2009.

TIERRA, P. **Pesadelo**: narrativas dos anos de chumbo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Autonomia Literária, 2019.

Recebido em 10 de maio de 2020.  
Aprovado para publicação em 10 de junho 2020.